

# González recomenda consenso para fazer Constituição

BRASÍLIA — A necessidade de conciliação e de pactos políticos na elaboração da Constituição foi o tema central de todos os discursos feitos ontem na Assembléia Constituinte durante a homenagem prestada ao primeiro-ministro da Espanha, Felipe González. Em seu pronunciamento, González disse que os espanhóis optaram "por fazer uma Constituição consensual que, certamente, não agradava plenamente a cada um, mas que conseguiu tornar-se ponto de encontro dos diversos grupos políticos e sociais representativos de 90% dos cidadãos da Espanha."

González chegou pontualmente às 10 horas à Constituinte, passou as tropas em revista e foi recebido à entrada pelo deputado Ulysses Guimarães, senadores Humberto Lucena, Fernando Henrique Cardoso e Maurício Correa, além dos deputados Luiz Henrique, Bernardo Cabral e Inocêncio de Oliveira.

O primeiro-ministro espanhol foi recebido com aplausos por um plenário da Câmara com poucas autoridades e constituintes. Mais da metade das cadeiras estava vazia durante o começo da cerimônia. Só dois ministros compareceram: Abreu Sodré, das Relações Exteriores, e Marcos Freire, da Reforma Agrária.

**Consenso** — O primeiro orador a lembrar que a Constituição espanhola era fruto de pactos e consenso foi o deputado Bonifácio de Andrada (PMDS-MG), que falou pela oposição. Logo em seguida, o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, depois de dizer esperar que "possamos ser todos, e não só em palavras, maiores do que normalmente somos", acrescentou: "É preciso encontrar caminhos do entendimento, como fizeram os espanhóis. Entendi-

mento este que, numa sociedade tão socialmente injusta como a brasileira, há de passar primeiro por um pacto em favor dos mais pobres e marginalizados das cidades e dos campos, mas que clamam por tolerância e democracia."

Ao entregar a González a grã-cruz da Ordem do Congresso Nacional, o presidente do Senado, Humberto Lucena, lembrou a competência de conciliador do primeiro-ministro espanhol.

Em seu discurso, González disse que na busca do consenso trabalharam os cidadãos, associações, sindicatos, partidos e entidades patronais. O primeiro-ministro pediu "criatividade e imaginação" e disse que "acertamos em nossa opção de trazer a democracia à Espanha e consolidá-la".

González falou também sobre a dívida externa. Segundo ele, começa-se agora a reconhecer que "é impossível resolver o problema da dívida com critérios exclusivamente técnicos". "Devem-se ter em conta" — advertiu — "considerações de caráter político-social, que, em minha opinião, são compatíveis com a estabilidade do sistema financeiro internacional, igualmente importante para as inversões de capital que promovam o desenvolvimento dos povos." González pediu urgência num diálogo entre credores e devedores para a busca de uma saída que preserve o sistema financeiro internacional e as expectativas dos países em desenvolvimento.

Último a falar, Ulysses Guimarães lembrou o restabelecimento das eleições diretas para a presidência, a concessão do voto ao analfabeto e a legalização dos partidos clandestinos como passos importantes do Brasil rumo à democracia. Mas advertiu: "Toda transição é terrivelmente difícil. Ainda não é o novo, por isso é criticada, e luta contra o velho, por isso é repelida pela inércia."

Brasília — Luciano Andrade



González disse que não se agrada a todos. Ulysses, que a transição é difícil

## Democracia sólida é a saída para a crise

BRASÍLIA — Uma vida democrática sólida é o caminho para o Brasil sair da crise em que se encontra. Foi a resposta dada pelo primeiro-ministro Felipe González, durante a visita que fez à Constituinte, ao responder a uma jornalista que queria saber dele se o parlamentarismo seria uma saída para a crise brasileira. Isso não o impediu, no entanto, de sugerir depois ao deputado Roberto D'Ávila, durante o coquetel que lhe foi oferecido, que o Brasil adotasse o artigo 9º da Constituição espanhola na elaboração da sua nova Carta.

O artigo 9º da Constituição da Espanha determina que os cidadãos e os poderes públicos estão sujeitos à Carta, cabendo a eles "promover as condições para que a liberdade e a igualdade do indivíduo e dos grupos em que se integra sejam reais e efetivas, remover os obstáculos que impedem ou dificultam a sua plenitude e facilitar a participação de todos os cidadãos na vida política, econômica, cultural e social".

González não queria dar entrevistas durante o coquetel, após a sessão solene da Constituinte, mas, depois de um apelo que lhe foi feito pelo deputado Roberto D'Ávila (PDT-RJ), que já o entrevistou duas vezes para a televisão, concordou em falar.

**Equilíbrio** — O primeiro-ministro disse que não se atreveria a dar nenhum conselho aos brasileiros, "já que cada país tem sua personalidade própria". afirmou, contudo, que o Poder Executivo deve possuir uma grande capacidade de tomada de decisões, juntamente com um Parlamento com grande capacidade de controle sobre ele:

— Esse é o equilíbrio. Como isso se expressa constitucionalmente, depende da personalidade do país. O Executivo não pode ficar paralisado, pois tem que tomar decisões e tem que estar sob controle da soberania popular.

Para González, a saída das crises é a criação de uma vida democrática sólida: "Isso é o que pode ajudar o desenvolvimento de um país com uma grande capacidade de negociação e pactos com as forças políticas."

González disse ainda que uma Constituição não serve para resolver problemas políticos imediatos: "Ela deve ter" — ressaltou — "uma vocação de permanência histórica, e não ser apenas uma resposta à conjuntura."

## Ministro elogia idéia de não sacrificar povo

BRASÍLIA — O primeiro-ministro espanhol, Felipe González, depois de almoçar na Granja das Águas Claras, residência oficial do governador José Aparecido — onde provou a hospitalidade mineira, o vinho brasileiro — Almadén chardonnay branco safra de 1986 — e, na sobremesa, doce de abóbora com queijo — apontou quatro motivos para a sua visita ao Brasil: conhecer o país, estreitar relações políticas, fortalecer a defesa intercontinental da democracia e da justiça social e, "mais importante", aumentar o intercâmbio comercial entre os dois países.

Citou três itens como as grandes possibilidades de comércio com o Brasil: azeite, maquinário agrícola e transporte ferroviário, e insistiu em que seu país apóia o Brasil na decisão de não sacrificar o desenvolvimento interno em favor do pagamento da dívida externa. O programa oficial marcava visita ao Supremo Tribunal Federal para logo em seguida, às 16h.

— O Brasil é um território sob sua jurisdição espiritual. A Espanha inspira o Brasil no seu caminho de busca da democracia plena — disse o anfitrião José Aparecido, ao receber em Águas Claras o primeiro-ministro espanhol para o almoço.

Maionese de camarão, filé à Rossini e três sobremesas — torta de maçã com fios de ovos, pudim de leite e doce de abóbora com queijo branco mineiro — fizeram o menu do almoço, onde à mesa principal tiveram assento o chanceler Abreu Sodré, o embaixador Rubens Ricúpero, Ulysses Guimarães, a mulher de González, D. Carmen, D. Leonor, mulher de Aparecido, os senadores Humberto Lucena e Mário Covas, D. Lila, sua mulher, e D. Mora, mulher de Ulysses Guimarães, além do colonista Carlos Castello Branco.

Ulysses e González conversaram durante as duas horas de almoço. O assunto principal, segundo o primeiro-ministro, foram as semelhanças entre o processo de democratização que viveu a Espanha e o que vive agora o Brasil. Esse foi também o tema da conversa se anteontem entre González e o presidente Sarney, segundo o embaixador Ricúpero.